

"Mário de Sã Carneiro"

"Feliz pela infelicidade,"

*Episódio dramático, adaptação à cena do conto dialogado
de Michel Provins*

Seguido de O Vencido



Mário de Sá-Carneiro

Feliz pela infelicidade

Seguido de O Vencido



Padrões Culturais Editora

Título: *Feliz pela infelicidade*

Autor: Mário de Sá-Carneiro

Copyright © 2008, Padrões Culturais Editora

Colecção: Textos Extraordinários, n.º 18

Revisão: Largebooks

Capa: Mário Andrade sobre desenho de Mário de Sá-Carneiro

Paginação: Mário Andrade

Impressão: Padrões Culturais Editora

ISBN: 978-989-8160-26-3

Depósito Legal n.º 285072/08

1ª edição, Lisboa, Novembro de 2008

Padrões Culturais Editora

Rua José Lins do Rego, 6 A e B, 1700-263 Lisboa

padroes_culturais@yahoo.com

O Vencido

Personagens

Rodrigo

52 anos. É um sábio que só crê na ciência, em mais nada. Porte altivo. Abundantes cabelos brancos.

O Padre

50 anos. Missionário. Longa barba. A antítese de Rodrigo. Crente até ao misticismo.

António

60 anos. Criado de Rodrigo há 19 anos. Trata o patrão quase como igual. Bondade rude. Ignorância.

Daniel

18 anos. Filho de Rodrigo. Desenvolvido demais para a idade.

Maurício

20 anos. Amigo de Daniel. Alegre, estouvado.

O Médico

45 anos. Figura distinta.

Dois Trabalhadores

Acto Único

(A cena representa uma casa de jantar mobilada simplesmente)

CENA I

Rodrigo, Daniel

(Quando o pano sobe Rodrigo está sentado lendo uma revista científica. Daniel entra vestido de caçador. Rodrigo põe então a revista de lado.)

Rodrigo: Com que então, Daniel, pronto e armado, hein? Pois é pena, meu rapaz. Gostaria que estivesse presente no momento da chegada desse meu velho amigo, o padre Sousa, que há vinte anos não via e de quem tanto te tenho falado.

Daniel: É na verdade um dissabor, meu pai, mas que quer? Comprometi-me com o Maurício e ser-me-ia impossível faltar; além do que, vindo o seu amigo passar connosco oito dias, não fará grande diferença que só amanhã faça o seu conhecimento.

Rodrigo: Sim, tens razão. Ah! como ficarás encantado quando o conheceres! Imagina o melhor, o mais corajoso, o mais leal de todos os homens e terás o padre Francisco de Sousa, o valente missionário de quem tanto se tem falado nestes últimos tempos por causa dos tormentos que sofreu quando foi aprisionado por um bando de selvagens.

Daniel: Sim, meu pai. Faço bem ideia do que deva ser um tal homem; tanto mais que o pai diz que é ele o seu melhor amigo e eu sei bem quão escrupuloso é na escolha dos seus íntimos.

Rodrigo: Falas acertadamente: é grande, grandíssima, a estima que dedicamos um ao outro.

Daniel: Por certo. Amizade, que resiste a vinte anos de ausência, é inquebrantável.

Rodrigo: E ainda é preciso notar-se que durante esse lapso de tempo apenas trocámos uma meia dúzia de cartas. Francisco, sempre pelo interior do sertão, raras vezes me escrevia e há mais de dois anos que não recebia notícias suas.

Daniel: Mas como soube do seu regresso?

Rodrigo: Pelos jornais. Todos falavam dele. Contavam as suas proezas, os seus actos de coragem e abnegação, dando ao mesmo tempo notícia do dia exacto da sua chegada, que foi, como sabes, na terça-feira. Ao ler tal apressei-me a transpor os poucos quilómetros que nos separam de Lisboa, e, quando Francisco descia do paquete que o trouxera de África, a primeira pessoa que ele viu, fui eu. Caímos nos braços um do outro e apertámo-nos por alguns instantes. Depois acompanhei-o a casa de seu irmão, onde se foi hospedar, jantei com ele e convidei-o para vir passar oito dias aqui,